



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB) INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS
(IHL) BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

JONATHAN DE SOUZA NOGUEIRA

**A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS: ANTÔNIO
BARBOSA E LUÍS DIAS DAMASCENO DO MUNICÍPIO DE REDENÇÃO
ACERCA DA REALIDADE MATERIAL DA ESCOLA**

REDENÇÃO

2016



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB) INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS
(IHL) BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

JONATHAN DE SOUZA NOGUEIRA

**A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS: ANTÔNIO
BARBOSA E LUÍS DIAS DAMASCENO DO MUNICÍPIO DE REDENÇÃO
ACERCA DA REALIDADE MATERIAL DA ESCOLA**

Projeto de Pesquisa, apresentado à Banca Examinadora da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. MARIO HENRIQUE CASTO

REDENÇÃO

2016

APRESENTAÇÃO

O presente projeto tem por intento compreender a percepção dos professores das escolas municipais: Antônio Barbosa e Luís Dias Damasceno do município de Redenção situado no Ceará sobre a realidade *material* da educação como parte das condições de trabalho docente. Assim, trata-se de um estudo sobre *como estes sujeitos percebem e entendem a infraestrutura da escola e os elos desta realidade com seu cotidiano*. Começo expondo o objetivo central da minha pesquisa, para poder situar qual o caminho que irei trilhar numa busca para compreender essa percepção e esse entendimento.

O trabalho surge de uma inquietação a partir da análise dos últimos dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Brasileira – IDEB¹ medidos em 2015 e publicados no ano de 2016. Estes apontam para uma diferença significativa entre essas duas escolas em relação ao nível de aprendizagem em língua portuguesa, com foco em leitura; e matemática, com foco na resolução de problemas.

Ainda que não proponha aqui relações imediatas entre estes índices e a infraestrutura escolar, é viável dizer que há um interesse de conhecer as visões de professores de espaços escolares com avaliações diferentes no quadro nacional, a fim de pensar a educação como um conjunto amplo de fatores. Personagem intermediário e muitíssimo relevante no contexto da aprendizagem, o professor é um agente central em pesquisas que buscam compreender o cotidiano escolar e seus desafios.

Assim, a profissão de professor sempre me fascinou, uma vez que minhas experiências pregressas na docência, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio, me fizeram refletir sobre o cotidiano desses profissionais, ao mesmo tempo em que me inquietava para entender o que aqueles sujeitos tinham para falar sobre suas realidades, ou usando os termos de Berger e Luckmann (2006), como eles “*construíam sua realidade*”: a partir de quais pressupostos eles compreendem realidade da escola?

Compreender como eles pensam suas condições de trabalho e tentar entender como teoria e campo se articulam e se apresentam dentro dessa realidade é o cerne para se pensar sob uma perspectiva da *sociologia compreensiva*.

¹ O Ideb é calculado com base no aprendizado dos alunos em português e matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação).

Kaufmann (2013) defende que:

O processo compreensivo apoia-se na convicção de que os homens não são simples agentes portadores de estruturas, mas produtores ativos do social, portanto depositários de um saber importante que deve ser assumido do interior, através do sistema de valores dos indivíduos. (p. 47)

Para os fins do recorte empírico do presente estudo, analisarei a percepção da realidade material da escola a partir das narrativas que os professores de português e matemática (disciplinas avaliadas na Prova Brasil²) das séries iniciais da educação fundamental (1º ao 5º ano) das escolas Antônio Barbosa e Luís Dias Damasceno, do município de Redenção (CE). Escolhi explorar aqui, a partir de um público específico, a percepção desses professores sobre a infraestrutura escolar e o cotidiano do ensino-aprendizagem, entendendo que eles podem ser parte de uma narrativa maior sobre o trabalho docente dentro do cenário educacional brasileiro. Tenho, assim, uma hipótese: a de que as dificuldades de infraestrutura fazem parte da leitura docente e do desenho de seu cotidiano, de diferentes maneiras.

DELIMITAÇÃO DO OBJETO/FENÔMENO A SER INVESTIGADO

A escolha do recorte da pesquisa com professores de língua portuguesa e matemática de duas escolas municipais de Redenção ocorreu de maneira “natural”, enquanto acompanhava os dados oficiais do MEC, divulgados em setembro de 2016, A Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Elas têm o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos.

A surpresa foi imediata quando pesquisei sobre quais eram os resultados da educação no município de Redenção, onde resido e trabalho: observei que duas escolas

² Trata-se de uma avaliação censitária envolvendo os alunos da 4ª série/5ºano e 8ªsérie/9ºano do Ensino Fundamental das escolas públicas das redes municipais, estaduais e federal, com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino ministrado nas escolas públicas. Participam desta avaliação as escolas que possuem, no mínimo, 20 alunos matriculados nas séries/anos avaliados, sendo os resultados disponibilizados por escola e por ente federativo.

se destacavam nos resultados dos anos iniciais do ensino fundamental uma de maneira positiva e outra negativa.

A escola EF Antônio Barbosa da localidade de Antônio Diogo que nas séries iniciais do ensino fundamental conseguiu um resultado expressivo, chegando à nota de 6,7 na avaliação do IDEB³, o que lhe rendeu a maior nota de todas as escolas avaliadas do município. Já a nota mais baixa dessa mesma categoria ficou com escola Luís Dias Damasceno, que está localizada na comunidade de Barra Nova distrito de Redenção, conseguindo apenas tirar 4,5.

Para tomarmos com base o quanto expressivo foi o resultado da escola Antônio Barbosa, as médias nacionais dessa categoria são de 5,3 em toda rede municipal, sendo que a meta estabelecida pelo MEC era de 5 para o ano de 2015, o que de certa forma alegra muito à todos os envolvidos, pois com essa nota ela supera até mesmo a meta proposta para 2022 (ano do bicentenário da Independência.) que é um 6, média desejada para que o Brasil atinja o patamar educacional da média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE⁴. A nota da escola fica apenas um ponto da atrás das médias nacionais das escolas particulares de todo o Brasil. Para os fins deste trabalho e pensando dialogicamente este cenário, voltamos a perguntas relevantes para o presente estudo: quais os cotidianos destes espaços escolares? Qual a dinâmica de sua realidade material ou sua infraestrutura?

Compreender sobre o que os professores de língua portuguesa e matemática tem para dizer sobre sua realidade material é entender como a vida cotidiana apresenta-se a eles de maneira intersubjetiva, onde todos participam juntos dessa construção da realidade (Berger; Luckmann, 2006). Ouvi-los representa uma maneira de partir de suas próprias falas para identificar como enxergam o cotidiano da escola e como a realidade material/infraestrutura de duas escolas situadas no mesmo município podem influir ou não dentro do processo de ensino-aprendizagem aos olhos desses profissionais.

Tomando essas falas e pensamentos como ponto de partida real para uma reflexão sobre o cotidiano docente escolar - não poderemos existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e em comunicação com os outros (Berger -

³ O IDEB é calculado com base no aprendizado dos alunos em português e matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação).

⁴ OCDE- A partir dos indicadores nacionais, o Inep fornece informações para projetos internacionais na área de educação dos quais o Brasil participa.

Luckmann, 2006) - a sociologia aqui trabalhada não pretende explicar ou muito menos atestar no campo motivos e circunstâncias que levaram a esses resultados positivos e negativos das escolas, mas entender como esses profissionais compreendem interpretativamente a realidade na qual estão envolvidos. Como as condições materiais são percebidas por eles dentro dessa realidade que os cercam?

Justificativa/Problematização

Com uma população em torno de 26.415 pessoas, segundo os últimos dados do IBGE, distribuídas em 225,821km², Redenção faz parte de uma das 13 cidades da macro região do Maciço de Baturité. A atual cidade de Redenção já foi conhecida como Acarape, que por sua vez pertencia à província de Baturité, em 1823. Teve como seus primeiros habitantes os índios tapuias, que vieram de Jaguaribe para habitar as margens do Rio Pacoti. O rio corta a região onde se formou uma pequena comunidade que vivia da pesca e agricultura.

Depois começaram a chegar alguns negros africanos que desembarcaram no Mucuripe e se espalhavam por muitos municípios do Ceará. Foi o primeiro núcleo de povoação para o surgimento do município. O povoado foi elevado à categoria de vila, em 28 de dezembro de 1868, pela Lei de n.º 1255.

As primeiras manifestações religiosas aparecerão a partir da construção da primeira capela. A Freguesia se apoiou sob a Lei nº 1.242, de 20 de dezembro de 1868. O primeiro vigário foi o padre Antônio André Lino da Costa, nomeado no dia 10 de dezembro de 1869, havendo como registro de posse a data de 6 de fevereiro de 1870.

A Sociedade, criada no dia 8 de dezembro deste ano, era composta por cidadãos ilustres da Vila. Na época, o movimento abolicionista tomava conta do Brasil e Redenção foi a primeira a libertar seus escravos, o que aconteceu no dia 25 de março de 1884, quando chegavam à então Vila, os ilustres abolicionistas José Liberato Barroso, General Antônio Tibúrcio, Padre Guerra, Justiniano de Serpa, José do Patrocínio e João Cordeiro, a fim de presenciarem a tão sonhada alforria dos 116 escravos da Vila.

O município sempre possui uma economia dependente do sistema agroindustrial, implantado na sua origem, “onde a cana-de-açúcar era fundamental nesse processo, sendo essa a explicação para seu atraso, pois com a decadência dessa economia a cidade não conseguiu mais prosperar”. (Ribeiro, 2016)

Nessa economia agrária, o açúcar de fato sempre foi hegemônico em Redenção. Para compreender sua importância em 1946, o Ceará possuía duas usinas de açúcar, a Maracajá, localizada na cidade do Crato e a Cariri em Redenção. A usina de Redenção fechou em 1984 sendo seu último proprietário o Dr. José Cirino Murilo Nogueira, sendo uma demonstração da decadência econômica do município. (*idem, ibidem*)

A economia do município tem mantido traços do passado, com uma dependência principalmente do setor terciário (comércio e serviços) que é responsável por 75,78% do Produto Interno Bruto - PIB municipal (IPECE, 2013), principalmente através de empregos gerados pela prefeitura e pelo comércio informal, com feiras livres que ocorrem nas ruas todos os domingos pela manhã, sendo uma das fontes de renda para muitos moradores das áreas vizinhas e do próprio município.

A agricultura é a principal atividade econômica, com destaque para os cultivos de cana-de-açúcar, milho, arroz, banana, batata doce, mandioca e feijão. Vale destacar o cultivo do café, que embora tenha diminuído muito após a crise de 1929 nos Estados Unidos e com outras crises na economia brasileira, vêm crescendo atualmente, utilizando-se a técnica do cultivo sombreado e 100% orgânico.

A cidade abriga vários pontos turísticos que remetem ao fato histórico da libertação dos escravos e que servem para fomentar o turismo e a geração de renda no município. O museu, criado em 2003, é composto por casa grande, senzala, canavial, a moageira e uma lojinha (Mercado da Sinhá). O conjunto arquitetônico colonial é original e tem boas condições de conservação. Na área, encontram-se a original casa grande dos senhores do engenho, a senzala, o canavial e o antigo maquinário de fabricar a cachaça Douradinha.

O monumento da “negra nua” construído na metade do século passado é estruturado por concreto e revestido com pastilhas de azulejo. Retrata uma escrava despida, que dá graças às luzes do céu por sua liberdade. Ele fica localizado na entrada da cidade, na avenida da Abolição.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) de Redenção é 0,626, em 2010, o que situa esse município na faixa de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM entre 0,600 e 0,699). A dimensão que mais contribui para o IDHM do município é

Longevidade, com índice de 0,750, seguida de Educação, com índice de 0,577, e de Renda, com índice de 0,567.

Entre 2000 e 2010, a população de Redenção cresceu a uma taxa média anual de 1,01%, enquanto no Brasil foi de 1,17%, no mesmo período. Nesta década, a taxa de urbanização do município passou de 48,92% para 57,29%. Na década, a taxa de urbanização do município passou de 44,47% para 48,92%.

No que tange a educação segundo o último censo do IBGE de 2010, no município, a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola é de 96,34%, em 2010. No mesmo ano, a proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental é de 87,12%; a proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo é de 59,49%; e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é de 34,34%.

Em 2010, 82,13% da população de 6 a 17 anos do município estavam cursando o ensino básico regular com até dois anos de defasagem idade-série. Em 2000 eram 73,55% e, em 1991, 55,49%. Dos jovens adultos de 18 a 24 anos, 4% estavam cursando o ensino superior em 2010. Em 2000 eram 1,51% e, em 1991, 0,00%. É evidente com a implantação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em 2011 muitos desses dados foram alterados pelo impacto direto representado que é a chegada de uma universidade dentro de um espaço interiorano. Para se ter uma ideia, com o objetivo de valorizar a população da região, oferecendo oportunidade de crescimento na perspectiva acadêmica e profissional, o primeiro vestibular da Unilab teve 40% das vagas destinadas aos estudantes que tivesse cursado o ensino médio no Maciço.

Essa iniciativa resultou em uma expressiva quantidade de inscritos da região, e consequentemente muitos deles foram aprovados. Desse modo, a maioria dos alunos no primeiro ano da universidade foi advinda do Maciço de Baturité.

“Essa foi a primeira atitude formal, no sentido da integração da universidade com a região, sendo também o ponto de partida para a Unilab criar uma identidade com características peculiares do Maciço.” (Unilab: Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul, 2013.)

Os últimos números do IBGE ainda são do ano de 2010, o que de certa forma representa um prejuízo para a pesquisa, pois não representa de forma mais fiel à realidade a ser pesquisada, mas me orienta acerca das características e dificuldades históricas que o município vem sofrendo já algum tempo.

Segundo pesquisas do IPECE de 2014 para a elaboração do perfil básico municipal de 2015⁵ sobre os espaços de aprendizagem físicos como bibliotecas e laboratórios de informática no município, observamos das 36 escolas municipais, 27 possuem bibliotecas, e 25 delas possuem laboratórios de informática. Com uma taxa de aprovação 97% no ensino fundamental e 68,66% no ensino médio, Redenção é superior às medias do estado de Ceará, onde são respectivamente 83,82% e 47,99%.

A educação fundamental no município tem se saído muito bem se compararmos as metas estabelecidas pelo IDEB. Nos anos iniciais do ensino fundamental em 2015 a meta do município era de 4,6, chegando ao número de 5,7. Os números do município mostram um grande salto de 2013 para 2015 saindo 4,6 que já era superior a meta estabelecida pelo IDEB de 4,3 para 5,7 em 2015.

Já nos anos finais do ensino fundamental, o crescimento é mais tímido, mas ainda é superior aos estabelecidos pelas metas. Em 2015 a meta estabelecida era de 4,2 e o município conseguiu chegar à nota 4,7. A escola que mais se destacou nessa categoria foi à escola Antônio Jacó de Antônio Diogo chegando à nota 5,1, e o pior resultado também ficou com escola Luís Dias Damasceno que atingiu apenas a nota 4,5.

Alguns números sobre o ensino médio em Redenção também chamam a atenção, como é o caso da taxa de reprovação que é superior à média cearense chegando aos 9,80% contra os 7,10% do estado. Aliados também a uma evasão 5% de alunos no ensino médio e com números abaixo do esperado das metas estabelecidas pelo IDEB

O ensino médio tem representado um gargalo não só para o município de Redenção, mas para o estado e o país, que não só não conseguiram atingir as metas, como as notas foram abaixo do esperado no IDEB de 2015.

⁵ O Perfil Básico Municipal é um documento elaborado pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), com o intuito de apresentar uma visão panorâmica dos municípios que compõem o Estado do Ceará. Sua estrutura é composta por cinco temas: caracterização geográfica, aspectos demográficos e sociais, infraestrutura, economia e finanças, e por fim, política.

Exposto o cenário em que se apresentam tais escolas, cabe fazer uma reflexão das estruturas físicas que as escolas apresentam, pelo menos publicamente, segundo as informações divulgadas no site: escolasecreches.com.br – fonte de iniciativa privada que faz um trabalho de coleta de dados diariamente para fornecer aos usuários informações precisas dos centros de educação pública e particular no Brasil com parceria com o MEC - INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

A escola com a maior nota alcançada dos anos iniciais do ensino fundamental a escola de ensino fundamental Antônio Barbosa situa-se na zona rural, atende desde educação infantil com a creche e a pré-escola, passando pelo ensino regular da educação fundamental (anos iniciais e Finais) e contempla também a educação de jovens e adultos.

Sobre a infraestrutura, a escola conta com água filtrada, água de cacimba, energia da rede pública, fossa, lixo destinado a coleta periódica e acesso a internet. No tocante das dependências a escola está dividida em oito salas de aula, a sala da diretoria, dos professores, laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), refeitórios, cozinha, e sala de leitura.

A escola ainda conta com banheiros dentro do prédio e banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida. A presença de parque infantil nas instalações e um pátio coberto findam a estrutura física da escola.

Já os equipamentos disponíveis para utilização, encontramos computadores administrativos, computadores para alunos, TV, copiadora, equipamento de som, impressora, equipamento de multimídia, DVD, e retroprojektor. Todos os dados segundo o censo de 2015.

Na escola de piores resultados, Luís Dias Damasceno encontrei estruturas parecidas, pelo menos oficialmente segundo dados do censo de 2015. Diferente da anterior a escola não conta com educação infantil, mas atende ao ensino fundamental regular (anos iniciais e finais) e com a educação de jovens e adultos.

Sobre a infraestrutura da escola encontramos: água filtrada, água vinda de rede pública, energia de rede pública, fossa, lixo destinado a coleta periódica, lixo destinado a queima, lixo destinado a reciclagem, acesso a internet banda larga.

Dentro das dependências físicas da escola, ela está organizada dessa maneira: seis de oito salas de aula estão sendo utilizadas, observamos também salas como a da diretoria, professores, laboratórios de informática, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), cozinha, sala de leitura, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, por último, pátio coberto, pátio descoberto e área verde.

A escola conta ainda com equipamentos tais como: computadores administrativos, computadores para os alunos, TV, copiadora, equipamento de som, impressora, equipamento de multimídia, vídeo cassete, dvd, antena parabólica, retroprojetor, todos os dados segundo o censo 2015.

Se compararmos as estruturas oficiais que foram descritas anteriormente, compreenderemos que não diferem profundamente muito uma da outra, ou seja, as condições materiais que o professor tem a disposição são “praticamente as mesmas” a partir dos relatos oficiais.

Revisão Bibliográfica

Como visto, o presente estudo se vale de fontes documentais diversas, a fim de desenhar certos elementos do objeto em foco, tais como: dados do IBGE, O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE se constitui no principal provedor de dados e informações do País, que atendem às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal.

A importância do IBGE como fonte informacional é inegável. Seu trabalho na construção de mapas quantitativos ajuda a entendermos um dos “lados” da realidade: o institucional e oficial. Resta, para este estudo, dar ouvidos ao outro: a experiência cotidiana dos sujeitos.

O IPECE que tem a missão de realizar estudos e disponibilizar indicadores socioeconômicos e geográficos sobre o Estado do Ceará. O que ajuda a desenhar um mapa mental das características sociais que irei me deparar. Ressaltando que a partir da análise de indicadores pode-se monitorar, avaliar e aperfeiçoar o planejamento governamental, sendo eles bastante úteis para nortear projetos, programas e ações, auxiliando a elaboração, acompanhamento, diagnóstico e avaliação das políticas

públicas, na perspectiva de contribuir para a melhora da qualidade de vida da população cearense.

Conto ainda, com a ajuda de sites do governo federal (MEC, IDEB, FNDE) na busca por informações oficiais divulgadas sobre a situação da educação como um todo, sites de iniciativa privada, que fazem parceria com o Governo Federal.

A secretaria de educação de Redenção ajudando no fornecimento de informações acerca dos dados dos professores do município, arquivos municipais e trabalhos desenvolvidos na região. Na ocasião, já pude observar que há ausência de pesquisas etnográficas detalhadas sobre as escolas em Redenção até o momento.

Faço uso ainda de leituras da sociologia, da antropologia e de áreas correlatas, para cumprir meu intento. Ressalto o diálogo que faço entre Kaufmann e Geertz sobre a entrevista compreensiva e suas semelhanças com o processo etnográfico, onde para se fazer “descrições densas” é necessário que o intelectual compreenda intimamente os informantes.

Para a construção do projeto, uma obra que foi chave para entender os conceitos de realidade, cotidiano e linguagem foi a obra “A construção social da realidade” – de Peter L. Berger e Thomas Luckmann, fundamental para começa a pensar sobre fenômenos implícitos do nosso cotidiano.

Contudo, seria impossível não me basear como ponto de partida sobre uma ótica fenomenológica no trabalho de Max Weber e sua obra “Economia e Sociedade”, onde ele expõe entre outras coisas os “tipos ideais” pelos quais nos comportamos e somos influenciados a nos comportar de tal maneira. Sem dúvida a palavra *compreender* é o ponto balizador que nos distancia de discursar sobre “verdade”, característica das grandes narrativas.

Sem dúvida também, uma leitura que me abriu os olhos para a questão de compreender foi o artigo que Bourdieu escreveu para seu livro *A miséria do mundo* (2007). Na ocasião Bourdieu debruça-se sobre “caso particular de interação entre o pesquisador e aquele ou aquela que ele interroga.” (p. 693).

Ele atenta para o papel do sociólogo dentro da pesquisa “O sociólogo [deve ser] capaz de se colocar em seu lugar [do entrevistado] em pensamento” (p. 699, grifo do autor). Esta tentativa de situar-se mentalmente no lugar que o pesquisado ocupa no espaço social é dar-se a uma compreensão, do seu objeto, fundada no domínio das

condições e dos condicionamentos psíquicos e sociais dos quais ele é produto e que estão diretamente associados à sua posição e à sua trajetória particular neste espaço.

Autores como W. Mills e Simmel, ainda, ajudam a pensar sobre os caminhos que a sociologia tomou no tempo, e reforçam a importância da figura do “artesão intelectual” para realizar o trabalho onde no campo “espaços físicos” e os “espaços sociais” estão juntos, um não existe sem o outro. tendo a teoria e método encontrado sentido concreto, a partir de pesquisas que o intelectual se envolve, mas que não deixa ser influenciado pelo campo.

Reflexões teórico-metodológicas

Para Berger e Luckmann (2006: p.35) “a vida cotidiana apresenta-se como realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente.” A realidade desses professores é dotada de fenômenos particulares, e tentar entender tais fenômenos a partir dos próprios professores e de como eles enxergam tal realidade material da escola é meu principal empreendimento.

Weber (2012: p. 15) nos ajuda a pensar essa relação entre professores e fenômenos particulares de suas ações, quando ele descreve os tipos de ação social que podem determinar nossos comportamentos:

- 1) **Modo racional** referente a fins: por expectativa quanto ao comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas utilizando essas expectativas como “condições” ou “meios” para alcançar fins próprios, ponderados e perseguidos racionalmente como sucesso;
- 2) **Ação social racional com relação a valores**: pela crença consciente no valor- ético, estético, religioso ou qualquer que seja sua interpretação – absoluto e inerente a determinado comportamento como tal, independentemente do resultado;
- 3) **De modo afetivo**: especialmente emocional: por afetos ou estados emocionais atuais;
- 4) **de modo tradicional**: por costume arraigado. (p.15)

Portanto, a relação social em Weber, só torna-se completa a partir do momento que a ação está dotada de “sentido”. Compreender que sentidos dão esses professores as estruturas físicas e materiais da escola também é parte importante na construção do meu projeto. Quais as ações sociais estão jogo?

Já Norbert Elias explica como “um indivíduo pode ser considerado uma concentração do mundo social: ele contém em si toda sociedade de sua época, estruturada de forma particular” (Elias *apud* Kaufmann, 2013, p. 98). Ao mesmo tempo

em que esses professores constroem visões de mundo possíveis a partir de determinadas realidades particulares e diferentes, ainda sim, comungam possibilidades de enxergarem realidades baseadas em concepções pré-determinadas que formem uma unidade de sentido ao seu cotidiano, características de um pensamento social, essencial para além de um “simples reflexo” e crucial no processo dialético da construção da realidade.

Sobre esse processo de representação da realidade, Kaufmann (2013) Explicita:

A percepção do social transita pelas consciências individuais, onde o social é classificado, combinado, para determinar comportamentos em meio a milhares de outros comportamentos possíveis, isto é, para escolher o que será concretizado e inscrito, por sua vez, no social. (p. 98)

Ir à busca de compreender o que essas consciências individuais pensam sobre as realidades materiais das escolas, é ao mesmo tempo procurar entender como são construídas suas percepções do social sobre essa realidade. O “véu” que encobre comportamentos, estruturas, práticas e o cotidiano desses indivíduos precisa ser desfeito e desvelado para uma construção, onde o subjetivo desses indivíduos não se oponha ao objetivo da realidade, mas façam parte da obtenção de uma construção social da realidade cotidiana.

Este é um trabalho que requer estar aberto para aproveitar todo um sistema simbólico pautado na maneira como esses profissionais enxergam sua profissão dentro dessas estruturas; procurando atentar sobre o ponto de vista do “outro”, pois, na entrevista compreensiva, o “outro” é possuidor de valores e valorações, onde suas narrativas são mediadoras de um conhecimento sobre sua percepção dos sentidos dados por eles mesmos.

É preciso saber dominar e personalizar os instrumentos que são: o método e a teoria. O projeto de pesquisa é, portanto, tarefa para um “artesão intelectual.” “O pesquisador é, ao mesmo tempo, o homem de “campo”, o metodólogo e o teórico. Recusa-se a se deixar dominar seja pelo campo, seja pelo método, seja pela teoria” (Kaufmann, 2013)

A vida acadêmica e o trabalho intelectual se entrelaçam num contínuo, no qual o cientista social vai se aperfeiçoando no seu “ofício” de “artesão intelectual.” (MILLS, 1967). Esta é uma ideia-guia para o presente estudo.

Charles Wright Mills, sociólogo americano criador do termo “artesanato intelectual”, acreditava que esse processo estava intimamente ligado à vida cotidiana do pesquisador. “Esta cotidianidade serve de nutriente para o trabalho intelectual, o que permite um processo de contínua reflexão e interpretação da produção intelectual.” (idem, *ibidem*).

Sobre o trabalhador intelectual Mills (2009):

“o trabalhador intelectual forma-se a si próprio, na medida em que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício, para realizar suas próprias potencialidades (...). Isso significa que deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente” (2009, p. 22).

Sobre esse ponto, trago de minhas experiências passadas na docência a curiosidade de compreender como os professores se veem dentro da realidade da escola; uma realidade que é, muitas vezes, pela fluidez e efemeridade da rotina desgastante, o questionamento sobre o papel do professor dentro da instituição e dentro de uma lógica do cotidiano de cada escola se perde pelo caminho, não encontrando espaço para as discursões e reflexões em um processo de escuta sobre o que esses sujeitos têm para falar acerca desse tema.

Entendo que a realidade do cotidiano dos profissionais da educação da cidade de Redenção é marcada por certa “ordem”, onde “seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho e que se impõem à minha apreensão.” (Berger & Luckmann – 2006)

Um desses padrões estabelecidos que me ajudará na construção de uma unidade de sentido, e para traduzir uma “objetividade” característica da realidade da vida cotidiana desses professores é a linguagem.

Sobre a linguagem Berger & Luckmann (2006) apresentam:

A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim (p.38)

Esses grupos de professores podem ser representativos de uma percepção sobre os desafios do ensino e das relações deste com a realidade da infraestrutura escolar, fornecendo uma “caixa de Ferramentas” de maneira que a linguagem ordena e dar

significados a essas ações, ajudando assim, por meio do vocabulário traduzir o que pensam? O porquê pensam e para quem pensam a realidade material da escola?

A vida cotidiana baseia-se na linguagem, e por meio dela que interajo com os outros. A compreensão da linguagem é essencial para a compreensão desses profissionais sobre suas vidas e seus cotidianos escolares (Berger, 2012).

Entendo assim como Berger (idem, ibidem) que “a realidade da vida cotidiana apresenta-se como um mundo intersubjetivo” mundo esse que partilho juntos com os outros. A linguagem de maneira geral ajudar a objetivar e tornar “mais real” minha realidade. Me ocorrendo como uma facticidade externa a mim, que exerce sobre mim efeitos coercitivos.

Por meio da linguagem é possível transcender o hiato entre eu “pesquisador” e os professores os “pesquisados”, a linguagem é capaz ainda de transcender o “aqui e agora” estabelecendo pontes entre diferentes zonas da realidade vividas que integram padrões dotados de sentidos, dos quais pretendemos compreender.

O presente trabalho também se insere metodologicamente no que o antropólogo americano Clifford Geertz chamava de “antropologia interpretativa”. Esse recorte me ajudará a partir dos relatos orais dos professores em seus ambientes de trabalho a entender como eles se enxergam dentro dessa estrutura – ao mesmo tempo em que direciona a pesquisa para uma constante *descrição densa* do universo vivido pelos professores. Dessa forma, se vale da etnografia como método de trabalho.

Sobre antropologia interpretativa Geertz afirma que: “a vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que os outros deram”. (GEETZ, 1926, p.21)

Acreditando assim como Weber que “o homem é um animal amarrado a teias de significação que ele mesmo teceu”, partirei da antropologia interpretativa de Geertz para entender o estabelecimento de relações que a etnografia nos possibilita entre os informantes e o campo, procurando sempre construir “descrições densas”, entendidas como parte de um trabalho de observação do mundo escolar e ligada a coleta das narrativas docentes.

Geertz acredita que o comportamento humano é visto como uma ação simbólica, ou seja, o fazer pedagógico desses profissionais, dessas escolas, desse município estão repletos de ações que são características da região. Entender sobre o prisma da antropologia interpretativa o que esses agentes estão nos oferecendo como leitura de seu próprio mundo é primeiramente entender qual é a “cultura praticada” ali, na descrição do que é a escola como estrutura material e “lugar”.

Entendendo “lugar” como Marc Augé nos apresentar, como um espaço identitário, relacional e histórico. Onde, de acordo com Simmel: O espaço físico e o espaço social estão juntos, um não existe sem o outro: “A ação recíproca faz do espaço, até então vazio e nada, qualquer coisa para nós, preenche-o enquanto ele a torna possível.” (*apud* Sá, 2012, p. 212)

Entre todos os conceitos de cultura existentes, pretendo ater-me ao conceito que Geertz traz, quando coloca a cultura como sendo uma estrutura de significado socialmente estabelecida (2008, p.9). Geertz ainda afirma que compreender a cultura de um povo é expor a sua normalidade sem reduzir a particularidade (*idem, ibidem*).

Saber interpretar é parte fundamental para uma boa etnografia. Nesse trabalho buscarei, acima de tudo, realizar tais interpretações sobre as percepções que o professor tem de si no contexto individual, enquanto no exercício de sua função na sala de aula, e como ele se relaciona com as condições de infraestrutura das escolas em que ele está inserido.

Geertz ainda alerta para a necessidade do debate que se faz sobre essa etnografia baseada nessa antropologia interpretativa, pois a análise cultural sempre será incompleta. É entendendo isso e acreditando que esse tipo de antropologia interpretativa é antes de tudo, entender as formas simbólicas na vida humana, que tentarei entender sobre que lógicas os próprios professores pensam sobre si e sua realidade material.

Métodos/Desenho dos instrumentos

Quanto às escolhas metodológicas no que tocam as técnicas de coleta, buscaremos inicialmente fazer uma pesquisa bibliográfica e documental que remontem o passado da educação de Redenção, como base inicial do trabalho. Acreditando sempre que a pesquisa bibliográfica assim como a documental são aquelas que são realizadas a

partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.

Como estratégia fundamental procurarei utilizar o método do sociólogo francês Jean Claude Kaufmann a chamada “entrevista compreensiva” que não é apenas uma técnica, mas um método de trabalho diferenciado e com propósitos claros visando à produção teórica a partir dos dados.

Baseado em Berger (2012) que acredita que “um sociólogo é uma pessoa que se ocupa de *compreender* a sociedade de uma maneira disciplinada.” A busca por essa compreensão partirá da utilização de entrevistas com professores, tendo em vista, que, a entrevista é um “suporte de exploração” que “é flexível nas mãos de um pesquisador atraído pela riqueza do material” (Kaufmann, 2013)

Sobre esse processo da entrevista é de fundamental importância entender que o entrevistador “deve está ativamente envolvido” segundo Kaufmann (2013), para que o entrevistado se envolva, também para não correr o risco que o entrevistado não se sinta a vontade pelo nível de impessoalidade que se encontra a entrevista.

Esse é o meu ponto de partida para a construção de um plano, que seja evolutivo, que eu tenha sempre em mãos para atestar meus resultados, e fazer com que eu não se esqueça das minhas obrigações, ajudando a refletir sobre quais são os limites da minha pesquisa, evitando com que me perca pelo caminho na construção do objeto.

Utilizando-se de uma metodologia qualitativa, pois apenas através da pesquisa qualitativa poderei compreender complexidades e subjetividades do comportamento humano.

Galeffi (2009) compreende a pesquisa qualitativa:

Tudo isso reúne a possibilidade de uma epistemologia da pesquisa qualitativa configurada a partir das experiências humanas de auto-socio-eco-organização-desorganização-reorganização, experiências refletidas e apropriadas no labor da compreensão articuladora que conjuga as possibilidades e efetividades disponíveis na consecução de um conhecimento a serviço do ser humano e suas relações de pertença e comum responsabilidade com a totalidade vivente. Tudo isso requisita um aprendizado novo assentado e consolidado na totalidade vivente. (p.14)

Quem são esses sujeitos que falam dessa maneira? Porque falam dessa maneira, e não de outra, sobre a realidade material da escola? “Toda investigação do material deve dobra-se diante da permanência de uma análise das condições de produção do discurso.” (Kaufmann, 2013)

Kaufmann nos alerta ainda para a elaboração da “grade” que é um conjunto de perguntas selecionadas que deve servir para dinamizar a conversação e conseguir extrair o máximo de informação possível, evitando a fuga do tema, perguntas que não se encaixam em uma sequência lógica, ou perguntas sem justificativas nenhuma dão imediatamente, segundo Kaufmann, uma impressão negativa perante o investigado.

A pesquisa buscará entrevistar cinco professores de cada escola que ensinam matemática e língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5 ano)

Serão entrevistas gravadas nos seus próprios ambientes de trabalho, buscando assim que a pesquisa se torne menos “traumática”, evitando perguntas que levem a respostas simples de sim ou não, colocando o entrevistado numa relação de subalternidade dentro da entrevista, sempre acreditando que a entrevista deve se afastar de um processo mecânico.

Como estratégia complementar, mas não menos importante, procuraremos usar o recurso etnográfico neste trabalho de campo na busca pelo entendimento das interpretações dos professores em seus cotidianos e lugares de trabalho. Sempre buscando compreender a partir de Geertz (1926) em etnografia, o dever da teoria é “fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo” (GEERTZ, 1926), isto é, sobre o papel da cultura na vida humana.

Assim como elucida Geertz sobre o fazer etnográfico enquanto descrição densa:

O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários

tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (2008, p. 7).

Para tal análise é preciso que o pesquisador esteja inserido na realidade local, e estar dentro do espaço cultural no qual deverá interpretá-lo, uma vez que, a visão cultural é dada por aqueles que vivenciam. “O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles [...]”, nesse caso, a etnografia interpretativa se baseia também em entrevistas, e por tanto como já havia dito entrevistarei os professores.

Dito isto, a pesquisa etnográfica pode ser compreendida segundo Geertz por três características, interpretação, tradução e microscopia, ou seja,

É interpretativa, porque interpreta o fluxo do discurso social, e, interpretar consiste em resgatar o cerne desse discurso de suas possibilidades e transformá-lo em termos suscetíveis de consulta. É quase uma tradução: o antropólogo interpreta, registra, e reinterpreta de uma forma que outros antropólogos possam compreender. Surge aí existe outra característica: a descrição etnográfica é microscópica. É densa. É importante lembrar que os antropólogos não estudam as culturas ao longe, mas sim de dentro, não estudam as aldeias, mas nas aldeias, talvez seja esse fato que faça com que a descrição etnográfica seja tão densa e microscópica (2008, p. 19).

Nesses termos analisar a realidade e o cotidiano desse grupo social é ao mesmo tempo debruçar-se na análise material compreendendo a dinâmica e a complexidade destes a partir dos contextos aos quais estes foram inseridos e a partir deles mesmos.

Por ultimo, encontro em Bourdieu e em seu conceito “compreender” o suporte necessário para me lançar a campo em busca do que ele chama de “essencial.”

Sobre o que Bourdieu (2007) chama de essencial:

É a construção de um modelo de entrevista em que a postura do pesquisador provoque na situação de pesquisa o surgimento de um discurso extraordinário da parte do pesquisado e que este seja incitado – por proposição sem imposição – a realizar uma autoanálise em que constrói o seu próprio ponto de vista sobre si e sobre o mundo e então, manifesta esse ponto fundamental a partir do qual vê a si mesmo e ao mundo, explicando-se para si e situando-se no mundo por ele significado. (p. 704)

A entrevista deveria – segundo Bourdieu – ser considerada uma forma de exercício espiritual em que se realiza uma conversão do olhar sobre os outros nas

circunstâncias comuns da vida, pelo esquecimento de si por uma disposição acolhedora em que o pesquisador se inclina a fazer seus os problemas do pesquisado.

Irei, assim, a campo para realizar meu trabalho etnográfico, buscando intercalar as escolas durante todo o ano de 2017, passando cada mês letivo em uma escola diferente, começando no mês de fevereiro na escola Antônio Barbosa, em sequência, no mês seguinte começarei na escola Luís Dias Damasceno. Lembrando sempre que a escolha de intercalar os meses durante o ano foi a estratégia pensada para tentarmos encontrar períodos parecidos nas escolas, sem apartar a experiência etnográfica em diferentes semestres.

Cumpre salientar que tanto a entrevista compreensiva, como a antropologia interpretativa servem a mim como lentes conectadas para ajudar a enxergar qual é a percepção desses professores sobre a realidade material da escola e quais suas influências na sua prática enquanto docente.

Por ultimo, gostaria de reforçar os desafios que o projeto encontrará durante a pesquisa, pois a falta de material histórico já identificada na elaboração do presente projeto, nos dar indícios que terei de me obrigar a tomar algumas estratégias que ajudarão na construção do objeto de pesquisa, como é o caso da história oral como ferramenta provável, no futuro.

Entendida aqui como técnica que privilegia a narrativa “livre” sobre os acontecimentos e a mudança, a história oral será usada com o cuidado de não tomar o centro do estudo. Nos termos de Porteli (2000),

ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais. E penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você "recorda" a história, mas memória "como" história. (p.69)

Seu uso, nesse caso, pode ser aplicado, como dissemos, para entender melhor o contexto educacional redencionista e a própria participação dos educadores, especialmente onde atuam. Os próprios professores, diretores e outros funcionários das escolas podem compor esse registro, assim como a recuperação de relatos orais de outros trabalhos de pesquisa, abrindo o quadro em análise.

Colocamos também no bojo desses desafios, a capacidade de lidar com as diferenças entre as escolas e suas localizações, tendo em vista que ambas as escolas encontram-se em distritos em zonas rurais do município. Sem dúvida, saber redimensionar a “grade” de perguntas, adequando-a a demanda do campo deve ser parte da expertise do pesquisador que se lança a campo.

O presente estudo buscará, assim compreender sempre numa perspectiva fenomenológica – entendida aqui como aquilo que se mostra pelos sentidos, aquilo que é a “essência das coisas” por meio de como são interpretadas pelo mundo. Entendendo que esta abordagem pode iluminar o objeto em análise através da compreensão sobre o que esses sujeitos têm para falar, numa viagem de desbravamento não para encontrar certezas “objetivas”, mas para entender a realidade dos sujeitos em foco, a partir de seu poder descritivo e interpretativo.

Referências Bibliográficas e outras fontes:

_____. Ministério da Educação e Cultura. **SAEB: Metodologia Utilizada**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>. Acesso em 16 out. 2016.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Sinopses Estatísticas da Educação Básica**. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/básica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp>>. Acesso em 29 set. 2016.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Taxa de Aprovação, Prova Brasil, IDEB e Projeções por Município e Rede**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/Ideb/Resultado/republicacao/Divulgaca.xls>>. Acesso em 20 out. 2016.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **IDEB: como melhorar os índices**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 20 out. 2016.

BERGER, Peter L. *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BERGER, P. L. & LUCKMAN, T. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: 26ª ed. Vozes, 2006.

BOURDIEU, P. *Compreender*. In: *A Miséria do Mundo*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.
GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: 1.ed. LTC, 2008.

GALEFFI, D. *O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar*. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. *Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa*. Salvador – BA: Edufba. 2009.

IBGE. Censo Demográfico. Disponível em:
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2010.shtm. Vários acessos.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010:** Resultados Gerais da Amostra por áreas de ponderação. 08/08/13- Gráficos e cartogramas (aplicativo web). Vários acessos

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). Perfil básico municipal 2015. Disponível em:
http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2015/Redencao.pdf. Vários acessos.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). Anuário Estatístico do Ceará 2013. Disponível em:
<http://www2.ipece.ce.gov.br/publicacoes/anuario/anuario2013/index.htm>. Vários acessos

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

MILLS, wright. Do artesanato intelectual. In: *a imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

PORTELI, Alesandro. "*Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI*" in ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. Disponível em <http://static.scielo.org/scielobooks/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>.

RIBEIRO, F. A. Estratégia geoeeducacional na cooperação sul-sul: uma análise dos projetos das universidades de integração internacional- UNILA e UNILAB. 238 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará . Fortaleza (Ce) 2016.

SÁ. Teresa. **Lugares e não lugares em Marc Augé**. Tempo soc. vol.26 no.2 São Paulo July./Dec. 2014.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira. UNILAB: *Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul* / Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira ; organizado por Camila Gomes Diógenes e José Reginaldo Aguiar. – Redenção: UNILAB, 2013.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: EdUNB, 2012, v. 1

Site: <http://escolasecreches.com.br/>